

1)

Para, pois, que o pesquisador da natureza não trabalhe inteiramente em vão, ele tem sempre de fundar o julgamento das coisas cujo conceito como fins da natureza está firmemente estabelecido (seres organizados) em alguma organização originária, a qual, por seu turno, emprega aquele mesmo mecanismo para produzir outras formas organizadas, ou transformar as suas em novas figuras (que, no entanto, sempre se seguem daquele fim e em conformidade com ele).

É louvável percorrer a grande criação de naturezas organizadas através de uma anatomia comparada para ver se não se encontra nela, inclusive segundo o princípio da geração, algo semelhante a um sistema; sem que seja necessário permanecer no mero princípio do julgamento (que não fornece qualquer esclarecimento para a compreensão de sua geração) e desistir covardemente de toda e qualquer pretensão a um *discernimento da natureza* nesse campo. A concordância de tantas espécies animais em um certo esquema comum, que parece estar na base não apenas de seu esqueleto, mas também na disposição das demais partes – em que uma simplicidade admirável do plano pôde, pelo encurtamento de uma e alongamento da outra, pela evolução de uma e involução da outra, produzir uma tão grande diversidade de espécies -, faz surgir na mente, ainda que fraco, um raio de esperança de que se poderia chegar aqui a algum resultado com o princípio do mecanismo da natureza – sem o qual não poderia sequer haver uma ciência da natureza. Essa analogia das formas, na medida em que essas, apesar de toda a sua diversidade, parecem ser geradas segundo um arquétipo comum originário, fortalece a suspeita de um seu parentesco efetivo na geração por uma mãe comum originária, pela aproximação em graus de uma espécie animal à outra – daquela em que o princípio dos fins parece mais comprovado, ou seja, o ser humano, até o pólipo, e deste até os musgos e líquens, chegando finalmente até o grau mais inferior que podemos observar na natureza, a matéria crua; sendo que é desta, e de suas forças, que parece brotar segundo leis mecânicas (como aquelas que parecem operar nas cristalizações) toda a técnica da natureza – a qual nos parece tão incompreensível nos seres organizados que nos sentimos forçados a acreditar em um outro princípio para explicá-la. (Kant, I. *Crítica do juízo*, § 80, trad. Fernando Costa Mattos,

Petrópolis/Bragança: Vozes/Ed. Universitária São Francisco, 2016, pp. 315-316)

2) Rx 884. v? (ρ??) ι²?? K?? M 201' EI 129.

A mais bela formação [*Bildung*] é aquela que não serve mais para um uso do que para outro, na qual, portanto, os fins não se contradizem uns aos outros. O mais belo rosto é aquele em que todas as expressões faciais e órgãos têm a habilidade mais geral [*die allgemeinste Schiklichkeit*. Tradução possível: serve de modo mais universal]. Por isso, onde uma expressão facial se destaca, mesmo que para a alegria, ali a beleza é perturbada. Uma expressão facial séria e, ao mesmo tempo, calma e tranquila é como uma balança que está em repouso.

Que o ser humano seja o animal mais belo é porque sua formação [*Bildung*] contém a maior concordância com a Ideia daquilo que é um ser vivo. (XV, p. 387)

3) *Curso de Antropologia Parow* (1772-1773), pp. 271-272.

Assim, o verdadeiro conhecedor de cavalos tem uma Ideia de um cavalo perfeitamente belo, embora este jamais seja encontrável, e ele mesmo, se tivesse de pintá-lo, não seria capaz de colocar um assim no papel. Esse Ideal lhe serve, no entanto, para julgar os cavalos. Todo homem de gênio tem um tal Ideal, mas porque hoje em dia as pessoas remetem os jovens principalmente a um modelo – em sentido próprio não há modelo, mas algo assim se encontra somente no entendimento e na Ideia, ele é apenas um exemplo -, eles se tornam meros imitadores e não ousam acrescentar algo de si mesmos.

4.) Herder

4.1)

Não passa despercebido a nenhum observador que nas figuras inumeravelmente diversas dos homens certas formas e proporções não apenas reincidem, mas também estão exclusivamente correlacionadas [*ausschließlich zueinander gehören*]. Entre os artistas, isso é ponto pacífico,

e nas estátuas dos antigos se vê que punham essa proporção ou simetria, como a denominavam, não apenas na extensão ou largura dos membros, mas também na composição harmônica deles com relação ao espírito do todo. Os caracteres de seus deuses e deusas, de seus jovens e heróis era tão determinado em toda a sua postura, que eles podem ser conhecidos já em parte por seus membros isolados, e não é possível dar a uma figura o braço, o peito, o ombro que pertence a uma outra.

(Herder, *Ideias para a filosofia da história*, Hanser, p. 126)

4.2)

O grande desenhista anatomista Camper mostrou nitidamente sobre que regras calculadas repousa o ideal artístico grego em suas formas; mas só a representação dos poetas e o propósito de veneração sagrada podia levar a essas regras. Quereis, pois produzir uma nova Grécia em imagens de deuses? Dai de novo a um povo, em sua singeleza natural, essa mesma superstição poético-mitológica, junto com tudo o que a ela pertence. (Idem, p. 144)

E todos temos essa força vital em nós: ela está conosco na saúde e na doença, ela assimila partes homogêneas, separa as estranhas e repele as hostis, ela se extenua com a idade e depois da morte ainda vive em algumas partes. Ela não é a capacidade de razão [*Vernunftvermögen*] de nossa alma; pois esta [capacidade da razão] certamente não formou o corpo, que ela não conhece, e que utiliza apenas como um instrumento imperfeito, estranho de seus pensamentos. Ela está, todavia, vinculada com aquela força vital, como todas as forças da natureza estão em vínculo: pois também o pensamento espiritual depende da organização e saúde do corpo, e todos os desejos e impulsos de nosso coração são inseparáveis do calor animal. (Idem, p. 123-124)

4.3)

Tudo isso são fatos da natureza, que nenhuma hipótese pode revogar, nem termo escolástico algum pode destruir: seu reconhecimento é a mais antiga filosofia do mundo, como também será verossimilmente a última. Tão certo como sei que penso, e não conheço minha força pensante; tão certo também sinto e vejo que vivo, ainda que também jamais saiba o que é força vital. Essa

capacidade é inata, orgânica, genética; é o fundamento de minhas forças naturais, o gênio interior de minha existência. Por nenhuma outra causa o homem é o ser mais perfeito da criação terrestre senão porque as forças orgânicas mais finas que conhecemos atuam nele, residindo nos instrumentos mais finos da organização. Ele é a planta animal mais perfeita [*die vollkommenste animalische Pflanze*], um gênio conatural à formação humana. (idem, p. 124)

4.4)

Ora, não há dúvida de que, assim como o clima é um conjunto de forças e influências, conjunto para o qual a planta e o animal contribuem e que serve a todos os seres vivos num nexo de reciprocidade, assim também o homem é posto ali como senhor da terra [*Herr der Erde*]; não há dúvida de que ele o modifica por meio da arte. Desde que ele roubou o fogo do céu e seu punho domou o aço, desde que ele compeliu os animais e seus semelhantes e os educou, assim como às plantas, para o seu serviço, ele contribuiu de muitas maneiras para a sua mudança. A Europa era outrora uma floresta úmida, e outras regiões agora cultivadas não o eram menos; tudo foi desbastado, e seus próprios habitantes mudaram com o clima. Sem cultivo [*Polizei*] e arte, o Egito teria se tornado uma lama do Nilo, e tanto aqui como até na mais vasta Ásia, a criação viva se acomodou ao clima artificial. Podemos, pois, considerar o gênero humano como um bando de deuses audazes, embora pequenos, que desceram aos poucos das montanhas para subjugar a terra e modificar o clima com seus punhos fracos. O futuro poderá nos ensinar o quão longe podem ter levado adiante. (Idem, p. 120-121)

4.5)

Quando eu lia meu Dante e Petrarca, Ariosto e Cervantes, e queria conhecer desde o íntimo cada um desses poetas como meu amigo e mestre, era-me agradável considerar cada um como *único*. Para esse fim procurava tudo o que havia nele, tudo o que à sua volta havia contribuído para sua formação ou deformação. Todo o mundo de poetas antes e depois dele desaparecia diante de meus olhos; eu só via a ele. E, contudo, eu era logo lembrado de toda a série de épocas que vieram antes dele, e que se lhe seguiram. O elo da

língua, do modo de pensar, das paixões, do conteúdo, o vinculava com muitos, com todos os poetas: pois – ele era um *homem*, e compunha poemas para *homens*. Imperceptivelmente, pois, somos levados a investigar o que cada um é em relação a seus semelhantes, dentro e fora de sua nação, o que *sua* nação é em relação a outras nações, que a precederam ou sucederam: e assim uma cadeia invisível nos puxa para o pandemônio, para o reino dos espíritos.

(Herder, *Briefe zu Beförderung der Humanität*, ed. Suphan, XVIII, p. 57)

4.6)

Em torno do trono de Júpiter, as Horas dançam em série a sua dança, e o que se forma a seus pés é apenas uma perfeição imperfeita [*unvollkommene Vollkommenheit*], porque tudo está construído sobre a unificação de coisas de diversa espécie; mas por um amor e acasalamento interno nasce em toda parte o filho da natureza, a regularidade e a beleza sensível. (Idem, p. 119)

Textos para a próxima aula:

I. KANT, *Crítica do juízo*, § 84. “Do fim derradeiro da existência de um mundo, isto é, da própria criação” Petrópolis: Vozes, 2016.

F. W. J. SCHELLING, *Filosofia da arte*, § 42, principalmente da página 103 à página 112. São Paulo: Edusp, 2010.

_____. “A Divina Comédia e a Filosofia” e *Exposição da ideia universal da filosofia em geral e da filosofia-da-natureza como parte integrante da primeira*. In: Obras escolhidas. São Paulo: Abril, 1980.

SCHLEGEL, F. “Discurso sobre mitologia”. In: *Conversa sobre Poesia*. São Paulo: Editora da Unesp, 2016.